

# RELATÓRIO DO CAPITÃO FRANCISCO DE LA RUA SOBRE A INCURSÃO DO CONDE DE ESSEX NA HORTA, EM 1597

MANUEL AUGUSTO DE FARIA

Faria, M. A. (2007), Relatório do Capitão Francisco de la Rua sobre a incursão do Conde de Essex na Horta, em 1597. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 16: 175-195.

**Sumário:** O saque da vila da Horta, em 1597, vem narrado nalgumas obras da historiografia açoriana (v.g. MALDONADO, 1989 [1711]; DRUMMOND, 1981 [1846-1864]; MACEDO, 1981 [1871]). Um documento inédito, existente no Arquivo Geral de Simancas (*Guerra y Marina*, leg. 491, 94) – Relação do capitão Francisco de la Rua sobre o desembarque na Horta de corsários da expedição do conde de Essex aos Açores, em 1597 –, traz nova informação sobre este episódio. O objectivo do texto que agora se divulga é introduzir aquele documento, reflectindo sobre a acção do destacamento espanhol na Horta, durante a incursão do conde de Essex, e sobre os sistemas defensivo e de forças no Faial, em finais do século XVI.

Segundo o documento anexo, perante a ameaça iminente de um ataque à Horta por corsários ingleses, e na impossibilidade de fuga para Angra, face à presença de navios inimigos nos canais entre o Faial e a Terceira, a companhia espanhola estacionada naquela vila, recolheu ao recinto fortificado do Monte Queimado. Na circunstância, foram enviadas companhias de Ordenanças para contrariar o desembarque dos corsários mas, entrando estas em debandada, a vila da Horta foi saqueada. Desmoralizados e temendo pela sua segurança, os soldados espanhóis abandonaram a artilharia, e fugiram para lugar seguro. Dias após a retirada dos corsários ingleses, o Faial foi atingido por um terramoto, e as tropas espanholas recolheram a Angra.

Faria, M. A. (2007), Report of Captain Francisco de la Rua about the Count of Essex's invasion of Horta in 1597. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 16: 175-195.

**Summary:** The plundering of Horta's village in 1597 is told in some works of Azorean historiography (MALDONADO, 1989 [1711]; DRUMMOND, 1981 [1846-1864]; MACEDO, 1981 [1871]). An unpublished document, kept in the General Archive of Simancas (*Guerra y Marina*, leg. 491, 94) – Report of Captain Francisco de la Rua about the disembarking in Horta of pirates at the time of the Count of Essex's expedition to the Azores in 1597 – brings new light upon this subject. The purpose of this text is to unveil that document, reflecting upon the action of the Spanish fleet at Horta during the Count of Essex's incursion and also about the defensive system of Faial island on the late XVI century.

According to the document attached herewith, the Spanish fleet stationed in Horta's village felt the imminent threat of an attack by English pirates. The impossibility to escape to Angra led them to hide on the fortified area of Monte Queimado. Portuguese local militias (*Ordenanças*) were sent to counteract the disembarking of the pirates but, nevertheless, the village was

ravaged when these same troops left. Demoralized and fearing for their safety, Spanish soldiers left their artillery and fled to a safe place. A few days after the English pirates had left, Faial suffered an earthquake and the Spanish fleet took shelter in Angra.

Manuel Augusto de Faria – faria.ma@sapo.pt

**Palavras-chave:** corso, Horta, destacamento espanhol, Francisco de la Rua, Ordenanças.

**Key-words:** piracy, Horta, spanish fleet, Francisco de la Rua, Portuguese local militias (Ordenanças).

## INTRODUÇÃO

A historiografia tradicional açoriana é parca em referências aos trágicos acontecimentos que, em final de 1597, assolaram a ilha do Faial, em particular, a vila da Horta. Eles surgem quase só por necessidade na descrição de um outro episódio tido por maior: a expedição aos mares do arquipélago açoriano do corsário conde de Essex contra a frota espanhola em viagem de retorno das Índias Ocidentais. Nomeadamente, o padre MALDONADO (1989 [1711], I), por erro remontando os factos a 1598, escreve: *Andaram os Ingleses muitos dias nestas operações [...] sequiosos dos licores da ilha do Pico tentaram a ilha do Faial com mil e tantos soldados, que lograram a investida da terra quase por antepresa onde não acharam resistência que os ofendesse [...] assolando e roubando a vila da Horta, sem que lhes escapasse o sagrado onde fizeram o maior destroço*. Quiçá partindo desta fonte, Ferreira Drummond nada

acrescenta em substância ao relato de Maldonado, retomando a informação de que o desembarque e saque subsequente decorreram *sem resistência que lhe fizesse maior dano* (DRUMMOND, 1981 [1846-1864], I). Silveira Macedo, eventualmente com base em ambos os autores referidos, mas acentuando as questões dramáticas do saque da Horta, precisa que *entraram os agressores sem resistência porque a ilha estava desguarnecida* (MACEDO, 1981 [1871], I).

O documento à guarda do Arquivo Geral de Simancas (*Guerra y Marina*, leg. 491, doc. 94) que a seguir se publica, para além de enriquecer factualmente o episódio, traz alterações ao relato tradicional: a Horta tinha uma guarnição militar composta por uma companhia espanhola, e houve resistência à presença de forças inglesas na ilha. Depois do saque, um terramoto arrasou o que os corsários haviam deixado de pé.

## BREVE HISTORIAL DO SISTEMA DEFENSIVO DA HORTA E DAS FORÇAS DE GUARNIÇÃO, ATÉ 1597

Nos finais dos anos sessenta do século XVI, esteve na Horta o engenheiro italiano Tomasso Benedetto para estudar o sistema defensivo do Faial; na sequência desta missão, foi levantado o forte de Santa Cruz<sup>1</sup>; em 1570, D. Sebastião procedeu à reorganização militar do território nacional – *Regimento dos capitães-mores e mais capitães e oficiais das companhias de gente de cavalo e de pé e da ordem que terão em se exercitarem* –, com expressão quase imediata no levantamento de corpos de Ordenanças nos Açores; em 1580, as Cortes reunidas em Tomar aclamaram D. Filipe II de Espanha como rei de Portugal; em 1583, após ter submetido a Terceira à soberania de D. Filipe I, o marquês de Santa Cruz enviou ao Faial, único território da Coroa portuguesa que ainda recusava, com armas, obediência ao rei estrangeiro<sup>2</sup>, uma expedição comandada por D. Pedro de Toledo que, subjugada a ilha, aqui deixou guarnição composta por uma companhia de soldados predominantemente espanhóis, sob o comando de D. An-

tonio de Portugal. Em 1584, incapaz de controlar a insubordinação dos soldados da sua companhia, pela falta de pagamento de soldos e outras carestias de que padeciam, D. Antonio de Portugal foi substituído no comando da guarnição da Horta pelo capitão Diego Suarez de Salazar (Archivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 166, 10 e 21, cf. MENESES, 1987b, II: 226-229; MACEDO, 1981 [1871]: 104-105; FRUTUOSO, 1998: 109-110). Em 1585, teve início a guerra hispano-britânica, incrementando-se a presença de corsários ingleses nos mares açorianos (MENESES, 1987a, I: 317-325); em 1587, corsários ingleses foram impedidos pelos fogos do forte de Santa Cruz de apre-sar um navio vindo de Cabo Verde fundeado à sua sombra. Questionando a eficácia e o perigo da permanência na Horta duma companhia de 168 soldados num fraco *castelo* sem defesa, o mestre-de-campo Juan de Horbina, governador do terço espanhol sediado em Angra, pediu ao rei e obteve que, perante a ameaça inglesa que

<sup>1</sup> Em documentação posterior de origem nacional, este forte também aparece com o nome de *Santo António da Cruz*. Mas na documentação espanhola de finais de Quinhentos é chamado de *Santa Cruz*.

<sup>2</sup> Se alguma substância tivesse – não tem – a expressão nacionalista usada relativamente à Terceira, *Portugal já foi só aqui*, ela deveria, antes, aplicar-se ao Faial.

se adensava e em reforço do sistema defensivo terceirense, aquele destacamento, com a artilharia de bronze, recolhesse à Terceira em Abril de 1589, deixando entregue à câmara da Horta a artilharia de ferro, arcabuzes e piques com algumas munições para levantamento e armamento das companhias de Ordenanças (Archivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 247, 230 e 231; *Guerra y Marina*, leg. 249, 227 e 228, cf. MENESES, 1987b, II: 278-284 e 286-291), na prática desmanteladas na sequência da sua derrota e da morte do capitão-mor, António Gaspar de Sousa, em 1583, aquando da tomada da ilha por D. Pedro de Toledo. Em 20 de Setembro ainda do ano de 1589, o corsário inglês conde de Cumberland, perante a recusa do recém-nomeado alcaide do *castelo* de Santa Cruz, Gaspar de Lemos Faria, de pacificamente, lhe permitir aguada e o reabastecimento de víveres, fez desembarcar trezentos homens na praia da Lagoa, que, por uma semana, pilharam a vila, tomaram e ocuparam o dito forte entretanto abandonado pelo alcaide, e levaram a artilharia aí deixada pelos espanhóis (Archivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 253, 213, cf. MENESES, 1987b, II: 302-304). Em 1590, ou ainda em 1589, o capitão Diego Suarez de Salazar regressou ao Faial com a sua companhia (Archivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 285, 380, cf. MENESES, 1987b, II:

312-313). Em 1591, o capitão Diego Suarez de Salazar assumiu, em Angra, o governo do terço espanhol durante a deslocação a Espanha de D. Juan de Horbina (Archivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 321, 327; *Guerra y Marina*, leg. 328, 10 [*Documentação sobre os Açores existente no Archivo General de Simancas – Guerra y Marina (1590-1605)* – edição em CD]), cargo que assegurou até à tomada de posse do novo mestre-de-campo do terço, D. Antonio de la Puebla. O capitão Francisco de la Rua passou a governador militar do Faial e comandante da companhia espanhola de guarnição na Horta, igualmente em 1591. Em 1596, o mestre-de-campo D. Antonio Centeno foi investido no governo do terço espanhol dos Açores (Archivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 452, 98), por morte do anterior proprietário.

Portugal estava, em 1597, sujeito à soberania de um rei espanhol. Nos mares dos Açores, pela guerra do corso, travava-se o combate entre as grandes potências europeias, nomeadamente, entre Espanha e Inglaterra, em disputa pelos produtos dos novos domínios ultramarinos e pelo controlo das rotas marítimas intercontinentais – os corsários infestavam as águas do arquipélago. Nos Açores, a defesa do arquipélago competia, em primeira instância, ao presidio espanhol sediado em Angra, ao tempo sob

o comando do mestre-de-campo D. Antonio Centeno, com destacamentos de tropas em Ponta Delgada e na Horta, este comandado pelo governador militar da ilha, capitão Francisco de la Rua, aquele composto por

duas companhias, sob o governo do capitão D. Antonio de Portugal. Em estado quase anémico e manifestamente secundarizadas, mantinham-se as milícias das Ordenanças sebásticas.

#### REFLEXÃO CRÍTICA À RELAÇÃO DO CAPITÃO FRANCISCO DE LA RUA SOBRE A ACÇÃO DO DESTACAMENTO ESPANHOL NA HORTA DURANTE A INCURSÃO DO CONDE DE ESSEX

Se a historiografia açoriana ignora a existência de uma companhia espanhola na Horta em Setembro de 1597, é porque dela não tem informação. Mas, é provável, que a pouco dignificante acção desta força colocada na Horta para a defender, tenha contribuído para o seu olvido.

Em 1589, o mestre-de-campo D. Juan de Horbina, deixado no comando do terço espanhol pelo Marquês de Santa Cruz, para obter do rei autorização para deslocar para a Terceira a companhia do capitão Diego Salazar, lembra, sensatamente, que, se em 1583, estando no Faial cerca de quinhentos soldados franceses e a gente da ilha armada, todos dispostos a defendê-la, não fora difícil a D. Pedro de Toledo tomá-la, a permanência, agora, de uma pequena guarnição na Horta, longe de garantir segurança a uma terra de pouco interesse económico para o inimigo, actuaria antes como incentivo para este desembarcar sem grande

esforço, ganhar reputação por nela haver um presídio espanhol (Archivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 247, 231, cf. MENESES, 1987b, II: 278 a 284). Dentro deste raciocínio, a companhia foi retirada para a Terceira, porém, não sem que o fantasma estrangeiro assombrasse a pacata vila. Atirado para a câmara o ónus da defesa da ilha, conforme a organização militar do território português herdada de D. Sebastião, agora oportunamente, ou oportunistamente, invocada, não teve esta, nem tempo, nem meios para levantar, treinar e armar as companhias de Ordenanças, desmanteladas em 1583. Nomeado para o *castelo*, pelo menos de facto, com as funções de capitão-mor, Gaspar de Lemos Faria, sem forças para comandar, viu-se confrontado com um dramático dilema: ou reabastecer o corsário inglês, suscitando a ira e a condenação do rei de Portugal e Espanha, ou negar o apoio ao inimigo,

permitindo o saque da Horta, sem lhe poder opor resistência. Optou pela segunda via, cumprindo o seu dever de primeiro representante do poder régio na vila, mas para desgraça desta. E o mestre-de-campo D. Juan de Horbina não se coibiu de atribuir o apresamento dos navios que se encontravam no porto, ao abrigo do forte de Santa Cruz<sup>3</sup>, à falta de resistência, e propôs novo comando militar para o Faial (Archivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 253, 212, cf. MENESES, 1987b, II: 305). Todavia, não é conhecido qualquer constrangimento pelo saque da vila. Em 24 de Julho daquele ano de 1589, entraram na baía de Angra os navios da Carreira da Índia, acossados pelos corsários do conde de Cumberland, já então sulcando os mares dos Açores. Na nau *Santa Cruz* chegou o holandês Jan Huygen van Linschoten, que fora guarda-livros do arcebispo de Goa, de regresso à Europa. O naufrágio do galeão de Malaca na baía durante uma tempestade, em 4 de Agosto seguinte, levou Linschoten a continuar na cidade para procurar reaver para o contratador os salvados entretanto recolhidos aos armazéns da coroa. Nestas diligências, ficou na

Terceira por mais de dois anos. Foi, portanto, para além de vítima, testemunha próxima da expedição ao arquipélago do conde de Cumberland, no Verão desse ano. O saque da Horta, explica Linschoten, ficou a dever-se a dois factores: *a)* retirada da guarnição espanhola para Angra, a pedido dos faialenses que, comprometendo-se a defender a ilha contra a entrada de inimigos, procuravam livrar-se do sustento dos soldados, pesado fardo para a sua economia; e *b)* ausência de resistência ao desembarque dos corsários de Cumberland, resultante de desinteligências entre os defensores da vila (LINSCHOTEN, 1997: 335-336). De ambas as versões – a dos documentos de Simancas e a de Linschoten – a opção pela primeira impõe-se indubitavelmente. A guarnição espanhola recolheu a Angra, levando consigo a artilharia de bronze, porque não tinha capacidade para responder ao previsível desembarque inglês, e para reforçar o contingente militar que guarnecia a Terceira. O Governo Militar do arquipélago, com o conhecimento da coroa, deixou o Faial à sua sorte, impondo à câmara da Horta o levantamento apressado dos corpos de milícia das Ordenanças, desman-

<sup>3</sup> De facto, a tomada dos navios deu-se durante a noite, evitando, assim, os fogos do forte de Santa Cruz (cf. «Carta do Capitão Gaspar Dutra a Lopo Gil Fagundes, em

Lisboa, sobre o que aconteceu na Ilha do Fayal no anno de 1589» in *Arquivo dos Açores*, 1980, II: 304 e 305).

telados em 1583, e de facto, transferindo para ela uma inevitável derrota, a vir a dar-se, como se deu, o desembarque do inimigo<sup>4</sup>. Sem prejuízo do natural desejo dos faialenses de se esquivarem ao sustento da guarnição espanhola, foi encenação o que Linschoten captou ou o que lhe foi induzido, ignorante que estaria do jogo político-estratégico do mestre-de-campo do terço espanhol. *Vae victis...*

Agora, em 1598, é uma companhia de soldados espanhóis, ou seja, de profissionais da guerra, treinados, armados e municidados, que nada faz para impedir o desembarque dos corsários inimigos; antes manda para a frente de combate as pobres forças das Ordenanças locais, provavelmente pouco mais tendo para combater que piques e, na falta destes, alfaias agrícolas e ferramentas dos seus mestres convertidas em armas, que ao primeiro contacto com os corsários partem em debandada, juntando-se às mulheres e filhos em fuga para a segurança do interior da ilha, montanhoso e coberto de mato. Cento e cin-

quenta soldados, contra uma força muito superior de corsários, mas soldados que não usam da vantagem de quem está em terra alvejando escaletes de desembarque, antes se refugiavam atrás de barreiras de terra e faxina. Com uma força inimiga desembarcada muito superior, de facto só restava aos espanhóis, sensatamente mas sem honra, abandonarem a artilharia e refugiarem-se no interior da ilha, a exemplo dos naturais; até porque não pretendia D. Filipe que a guarnição espanhola da Horta entrasse num combate, à partida, desfavorável, com as forças inglesas (Archivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 490, 17 e 491, 94).

Mas da humilhação os militares espanhóis não se livraram e, certamente, a sentiram. Por todo o documento transparece uma tentativa de justificar a actuação do contingente espanhol, e de dramatizar a situação que ao capitão competia gerir, na verdade muito complicada. Logo anota a deserção dos corpos de Ordenanças locais. Depois, é indisfarçável o transferir

<sup>4</sup> Muito diferente era a situação em S. Miguel, onde o reconhecimento da soberania de D. Filipe I se fez pacificamente, mantendo-se os corpos de Ordenanças organizados. Tendo a armada do conde de Essex, após o saque da Horta, zarpado para aquela ilha, encontrou-a guarnecida com uma companhia espanhola e, sobretudo, com as Ordenanças devidamente comandadas pelo gover-

nador Gonçalo Vaz Coutinho, que, não tendo evitado o saque de Vila Franca do Campo, donde a população, por medida táctica, fora previamente evacuada, impediram que os corsários desembarcassem em Ponta Delgada, ou que sobre ela marchassem (Archivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 490, 54; *Guerra y Marina*, leg. 560, 245).



de responsabilidades para D. Antonio Centeno, reiterando, Francisco de la Rua, as críticas já tecidas às ordens recebidas do mestre-de-campo – retirar para o Pico, e recolher à Terceira –, em carta enviada pelo capitão ao rei, datada de 24 de Setembro. A primeira ordem não a cumpriria por ser prejudicial à sua *honra e a um acto de milícia*<sup>5</sup>. A segunda, por inexecutável, pois fora dada com os navios inimigos a dominarem os mares. Na mesma carta, aliás, já só fixava como único objectivo táctico manter-se sem rendição na fortificação inacabada de terra e faxina que levantara no Monte Queimado (Archivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 575, 140), buscando alguma honra na resistência<sup>6</sup>. No relatório (inédito) que o mestre-de-campo enviou ao rei sobre a passagem da frota das Índias pelos Açores não deixou de, implicitamente, atribuir ao capitão Francisco de la Rua a responsabilidade por a companhia não se ter refugiado em tempo no Pico, ou não ter recolhido à

Terceira (Archivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 490, 17); este tê-lo-á sabido (ou intuído), e enviou ao rei a sua própria versão dos factos. A documentação referente às relações posteriores entre os dois chefes militares espanhóis nos Açores testemunha um clima pouco amistoso. Os troféus à laia de balanço realçados no final do relatório do capitão Francisco de la Rua – abate de mais de duzentos inimigos, e nenhuma baixa entre os soldados espanhóis –, parecem, o primeiro, mortandade manifestamente exagerada, e o segundo, patético.

A presença de um destacamento de tropas espanholas na Horta serviu, de facto, tal como em 1589 ajuizara D. Juan de Horbina, para concitar a hostilidade dos corsários ingleses. Nesse ano foi a fidelidade do alcaide Gaspar de Lemos Faria ao seu rei (WESTON, 1975-1979: 108), recusando apoio logístico ao inimigo da coroa, que ditou a perdição da vila<sup>7</sup>. Em 1597, não fora a presença espanhola

<sup>5</sup> Sobre o significado do termo, cf. «milícias» in *Enciclopédia Açoriana*, s.v. (<http://pg.azores.gov.pt/drac/cca/enciclopedia/index.aspx>).

<sup>6</sup> O capitão Francisco de la Rua anexou a esta carta um desenho feito pelo alferes Alonso com o esquema do plano defensivo para o Monte Queimado. Este desenho foi publicado em MENESES (1987a) e em *Documentação sobre os Açores existente no Archivo*

*General de Simancas – Guerra y Marina (1590-1605)*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura [edição em CD].

<sup>7</sup> Curiosamente, os citados historiadores açorianos (MALDONADO, 1989 [1711]; DRUMMOND, 1981 [1846-1864]; MACEDO, 1981 [1871]) ignoraram este episódio. Embora ele já fosse anteriormente conhecido, nomeadamente na Grã-Bretanha (cf. BULLAR & BULLAR, 1851, II: 10), provavelmente só



na ilha, a Horta teria, provavelmente, sido poupada ao saque. Na Graciosa, navios do conde de Essex foram reabastecidos de *vacas e vinhos que lhes deram*, sem que aos habitantes viesse qualquer dano (Arquivo General de Simancas, *Guerra y Marina*, leg. 490, 17). E a fuga da guarnição espanhola para a segurança do mato, pela calada da noite, com o abandono da artilha-

ria, deixando a Horta a saque, foi, tal como o teria sido a fuga para o Pico, igualmente prejudicial à honra dos soldados e a um *acto de milícia*.

Curioso o apoio que alguns naturais do Faial deram aos corsários ingleses. Curioso, ainda, que, tendo ficado na ilha, o capitão espanhol não os tenha capturado e ninguém os tenha entregue.

#### CONTRIBUTOS DA RELAÇÃO DO CAPITÃO FRANCISCO DE LA RUA PARA O CONHECIMENTO DO SISTEMA DEFENSIVO E DE FORÇAS NO FAIAL, EM FINAIS DO SÉCULO XVI

O documento contribui, também, para confirmar e acrescentar um pouco de informação ao que se sabia sobre a estrutura fortificada do Faial: o *castelo* – forte de Santo António da Cruz ou de Santa Cruz – era a única estrutura defensiva com alguma relevância arquitectónica no final do século XVI, mas de fraco préstimo quando único no sistema de defesa em linha por certo projectado para o Faial, e

para a baía da Horta em particular, em 1567, por Tomasso Benedetto. Apenas mais tarde essa fortificação da costa terá consistência com a construção do forte da Lagoa ou da Conceição, e duma muralha ao longo do areal, e, ainda posteriormente, do forte Novo ou do Bom Jesus<sup>8</sup>, todos à esquerda do forte da Santa Cruz, de um pequeno forte oposto ao forte de Santa Cruz na pequena baía do mesmo nome, então

---

com a publicação da carta do capitão Gaspar Gonçalves Dutra, citada na nota 3, o saque da Horta pelo conde de Cumberland entrou nas páginas da História dos Açores. Em contrapartida, DRUMMOND (1981 [1846-1864], I: 378) regista a presença de Francis Drake em frente à baía de Angra nesse mesmo ano. A documentação do Arquivo Geral de Simancas publicada por MENESES (1987b), não testemunha esta vinda de Drake aos Açores. Fica-se com a dúvida, que uma breve pesquisa sobre as expedições de Drake adensa, se, em 1589, ambos os corsários

---

– entenda-se por *corso*, genericamente, a guerra no mar – estiveram nos Açores, ou apenas o conde de Cumberland. O documento que serviu de informação a DRUMMOND (1981 [1846-1864]) pode ser consultado em LEITE & FARIA (ed.) (2005: 229).

<sup>8</sup> É de crer que, em 1583, outras barreiras defensivas estivessem levantadas ao longo do areal da baía da Horta, porém de natureza precária. A urgência em preparar a defesa perante um ataque previsível das tropas de D. Filipe I, bem como a extensão da costa faialense a fortificar, não permitiriam cons-

bem recortada na costa, e do forte da Greta (Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, *Ministério do Reino*, Maço 614). O desenho do alferes Alonso com o plano defensivo engendrado pelo capitão Francisco de la Rua para defesa da sua companhia, que acompanhou a já invocada carta de 24 de Setembro, representa, na baía de Porto Pim, o que se presume ser um muro<sup>9</sup> ou uma linha de trincheiras, onde, também em data posterior, nasceram os fortes do Porto Pim, da Cruz dos Mortos – no século XIX rebaptizado de S. Sebastião (MACEDO, 1981 [1871]: 337) – e da Carrasca; não regista qualquer estrutura defensiva na Lagoa, e do forte da Greta, não dá notícia<sup>10</sup>.

Segundo Silveira Macedo, para garantir o *castelo*, terá sido mandada criar *uma esquadra de [8] artilheiros com seu condestável [...] cujo comando foi confiado a um capitão de 1.<sup>a</sup>*

*linha* (MACEDO, 1981 [1871]: 69); uma pequena força defensiva, permanente e profissional, criada à imagem do corpo de bombardeiros da Provedoria das Armadas, em Angra, à qual viria a ser cometida a responsabilidade pelo manejo e manutenção de toda a artilharia montada nos mais de vinte e cinco fortes que vieram a circundar o Faial (Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, *Ministério do Reino*, Maço 614, Dos Officiais, e Soldados pagos, e odenanças das Ilhas do Fayal, e Pico de que he Cappitam mor Superintendente Hieronimo Brum da Silveira – 1746; MACEDO, 1981 [1871]: 245 e 246). Ainda segundo MACEDO (1981 [1871]: 79-80), no ano de 1573 (ou em ano seguinte), foram levantadas *regularmente*, no Faial, as companhias de Ordenanças, e eleito capitão-mor Diogo Gomes da Silveira. Este corpo de milícia, com uma força de quatrocentos soldados

truções demoradas (cf. FRUTUOSO, 1998, VI: 80 e 101-103).

A gravura atribuída ao capitão Edward Wright documentando o desembarque na Horta do conde de Cumberland, em 1589, regista uma pequena estrutura defensiva na Lagoa (Conceição).

<sup>9</sup> Segundo FRUTUOSO (1998, VI: 101-103), Porto Pim estaria todo cercado de muro e fechado com uma porta. Este autor localiza, ainda, um forte *muito bom* na Praia do Almojarife e um *baluarte* no porto de Castelo Branco.

<sup>10</sup> O alferes Alonso não regista o forte da Lagoa, ou, por entretanto, ter ruído e só mais tarde ter voltado a ser reconstruído, ou por não lhe achar qualquer valor defensivo, ou por não lhe interessar identificá-lo.

Dois coleções de plantas com estes fortes estão publicadas no *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* (1998), LVI: 91 a 133 e 277 a 331. Também, existe, uma coleção, inédita, com os fortes do Faial, Flores e Corvo, da autoria de José Rodrigo de Almeida, arquivada na Direção de Infra-Estruturas do Exército.

franceses, foi incapaz de resistir, em 1583, ao desembarque da expedição de D. Pedro de Toledo. Já então era capitão-mor António Guedes de Sousa (FRUTUOSO, 1998: 79; MENESES, 1987a: 48) (ou António Teles) (MACEDO, 1981 [1871]: 102; DRUMMOND, 1981 [1846-1864]: 345), que pagou com a vida a sua fidelidade ao rei D. António, Prior do Crato. A documentação do Arquivo Geral de Simancas, publicada por MENESES (1987b), veio acrescentar alguma informação a estes dados da historiografia regional, quando testemunha que foram nomeados os capitães das companhias das Ordenanças, um sargento-mor e um alcaide, aquando da partida da companhia do capitão Diogo Suarez de Salazar para a Terceira, em 1589 (Archivo General de Simancas, *Guer-ra y Marina*, leg. 247, 230, cf. MENESES, 1987b: 282-284). Significa, pois, que, desmanteladas em 1583, só em 1589 as companhias de Ordenanças do Faial foram reorganizadas. O alcaide então empossado foi o dito Gaspar de Lemos Faria, função, de facto, de capitão-mor, como se infere da autoridade que veio a exercer nos acontecimentos dramáticos em que se viu

envolvido<sup>11</sup>. Em carta datada de 17 de Outubro de 1589 de Juan de Horbina ao rei, o mestre-de-campo propõe que o *capitão-mor* da ilha do Faial seja mandado ir residir nela e traga armamento. Trata-se, provavelmente, duma alusão ao capitão-donatário Jerónimo Dutra Corte-Real ao tempo em Lisboa. De facto e conforme a legislação sebástica, competia ao capitão-donatário, quando a residir na capitania, o comando das Ordenanças. Outro comandante militar que se distingue nesta conjuntura (saque de 1589) é o capitão Gaspar Gonçalves Dutra, que em 1583 viera na expedição de D. Pedro de Toledo (MACEDO, 1981 [1871], I: 101). Na carta que escreve a Lopo Gil Fagundes, assume alguma distinção de comando (*Arquivo dos Açores*, 1980, II: 304-306). Mas, curiosamente, o seu relato surge mais como uma prestação de contas ao homem que, em 1597, exercia as funções de capitão-mor e que, em 1589, tal como o capitão-donatário, também estava em Lisboa. Seria, pois, Lopo Gil Fagundes o capitão-mor a quem se referia o mestre-de-campo D. Juan de Horbina? Não se sabe se o alcaide Gaspar de Faria

---

<sup>11</sup> No entanto, vê-se Gaspar de Lemos Faria também tomar deliberações com os demais capitães-mores (*capitães miores*) (cf. Arquivo Geral de Simancas, *G. A.*, leg. 253,

---

doc. 213, cf. MENESES, 1987b: 304). Neste contexto, os capitães-mores – capitães das companhias – distinguem-se do capitão-mor, governador militar da capitania-mor.

resistiu, ou por quanto tempo, nessa função, ao saque da Horta. Segundo LINSCHOTEN (1997: 343) a todos os principais chefes presentes na Horta durante o saque, el-rei mandou castigar, sem se fiar mais nos portugueses. O documento que se publica acrescenta que, em 1597, as companhias de Ordenanças estavam organizadas, servindo de capitão-mor Lopo Gil Fa-

gundes, juiz ordinário, com a demais câmara<sup>12</sup>.

A partir de 1597, a defesa militar do Faial passou a ser da responsabilidade dos corpos das Ordenanças, até que, pela reorganização da milícia nacional nascida da Restauração de 1640, foi criado um contingente de tropa paga especificamente para a guarnição da Horta.

#### AGRADECIMENTO

A publicação do documento *Guerra y Marina*, leg. 491, 94, à guarda do Arquivo Geral de Simancas, é feita graças à colaboração do Ministério da Cultura de Espanha, colaboração que se agradece.

#### BIBLIOGRAFIA

##### FONTES

Espanha. Ministério de Cultura. Archivo General de Simancas. *Guerra y Marina*, leg. 452, doc. 98; leg. 490, doc. 17; leg. 491, doc. 94; leg. 575, doc. 140.

Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, *Ministério do Reino*, Maço 614.

##### PUBLICAÇÕES

*Arquivo dos Açores* (1980). Ponta Delgada, Universidade dos Açores, II [«Carta do Capitão Gaspar Gonçalves Dutra a Lopo Gil Fagundes, em Lisboa, sobre o que aconteceu na Ilha do Faial no anno de 1589»].

*Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* (1998), Angra do Heroísmo, LVI: 91-133 e 277-349 [Revista aos fortes das ilhas do Faial e Pico].

---

<sup>12</sup>Para os sargentos-mores, consultar CHAGAS (1989 [1646-1654?]: 482).

- BULLAR, J. & BULLAR, H. (1851), *A Winter in the Azores*. London, John van Voorst, Paternoster Row, II.
- CHAGAS, D. (1989 [1846-1854?]), *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores*. S.l., Secretaria Regional da Educação e Cultura/Universidade dos Açores.
- Documentação sobre os Açores existente no Archivo General de Simancas – Guerra y Marina (1590-1605)*. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura [edição em CD].
- DRUMMOND, F. F. (1981 [1846-1864]), *Anais da Ilha Terceira*. Reimp. Fac-similada da 1.ª ed. de 1850, S.l., Secretaria Regional da Educação e Cultura, I.
- FRUTUOSO, G. (1998), *Saudades da Terra – Livro VI*. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- LEITE, J. G. R. & FARIA, M. A. (ed.) (2005), *Livro do Tombo da Câmara da Vila da Praia (1450-1666)*. Praia da Vitória, Instituto Histórico da Ilha Terceira.
- LINSCHOTEN, J. H. (1997), *Itinerário, Viagem ou Navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas*. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- MACEDO, A. L. S. (1981 [1871]), *História das Quatro Ilhas que Formam o Distrito da Horta*. Reimpressão fac-similada da ed. de 1871, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, I.
- MALDONADO, M. L. (1989), *Fenix Angrense*. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, I.
- MENESES, A. F. (1987a), *Os Açores e o Domínio Filipino (1580-1590) – I – A Resistência Terceirense e as Implicações da Conquista Espanhola*. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira.
- MENESES, A. F. (1987b), *Os Açores e o Domínio Filipino (1580-1590) – II – Apêndice Documental*. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira.
- WESTON, F. S. (1975-1979 [1711]), *A Incurção Inglesa de 1589. Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, VI: 2-3.

RELATÓRIO DO CAPITÃO FRANCISCO DE LA RUA SOBRE A ACÇÃO  
DO DESTACAMENTO ESPANHOL NA HORTA DURANTE A INCURSÃO  
DO CONDE DE ESSEX – TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO

Señor

– En Julio pasado auisse a Vuestra Magestad, como yua fortificando de tierra y faxina un monte que la isla del Fayal tiene entre los dos puertos y enuie el modelo del al Conde de Portalegre para que el le inuiasse a Vuestra Magestad porque estaua perdida mi compañía si no se fortificauã, y yo tuue orden de mi Maestro de campo Antonio Centeno para que no fuese adelante con la fortificacion por tener el orden de Uuestra Magestad que auiendo nueua de enemigos me retirasse, a esta Isla, y aunque yo le respondi que el enemigo, no nos auia de auisar, todauia no me quisso dar lugar a que hiziesse una cisterna en la qual estaua el toque de nuestra defensa porque el sitio se defiende por si. – A los 18 de Septiembre tuue auiso del dicho mi Maestro de campo, como sobre esta Isla auia parecido el enemigo, y me mandaua que con diligencia me pasasse a la isla del Pico con mi compañía, artilleria y municiones, cosa que aun con la imaginacion no se puede hazer, porque siendo como es tierra que por su aspereza se

Senhor

– Em Julho passado, informei Vossa Majestade sobre as obras de fortificação em terra e faxina que andava a levantar num monte que a ilha do Faial tem entre os dois portos, e enviei um desenho dele ao conde de Portalegre para que ele o enviasse a Vossa Majestade, porque a minha companhia estaria perdida se não se fortificasse. E tive ordem do meu mestre-de-campo Antonio Centeno para que não continuasse com a fortificação, por ter instruções de Vossa Majestade para que, havendo notícia de inimigos, me retirasse para a Terceira. Respondi-lhe, então, que o inimigo não nos iria antecipadamente avisar da sua chegada, mas não me quis autorizar a fazer uma cisterna, indispensável à nossa defesa, porque o sítio se defende por si.

– A 18 de Setembro, tive aviso do dito meu mestre-de-campo, de que à vista da Terceira havia aparecido o inimigo, e ordenava-me que, com diligência, me passasse à ilha do Pico com a minha companhia, artilharia e munições, coisa que mesmo com a imaginação não se poderia fazer, por-

entendia podria yo escapar, claro es no poder lleuar artilleria, demas que me faltauan todos los aparejos necesarios, para poder marchar con ella. – Este dia se junto la Camara de aquella Isla, y en nombre de Vuestra Magestad me pidieron, y requirieron no les desamparasse, que ellos determinauan morir conmigo, en defensa de la tierra, y que para la fortificacion me darian faxina y todo lo que en la Isla uuiesse, y en este punto que fue el del auisso, parecio el enemigo por el norte, quitandome de todo la esperanza de poder pasar al Pico.

– A otro dia 19 del dicho mes, se estaua la armada en el mesmo parage y imbio dos galeones a reconocer el puerto los quales descubrieron un nauio al sudueste, y fueron en su seguimiento y toda la demas armada la buelta de las Flores.

– Despache luego, auiso, a esta Isla de la pasada del enemigo, y como dexaua nauios en guardia destes canales, y a los 22 del dicho mes, torne a tener orden del Maestro de campo, estuuiesse aperceuido, para me embarcar en dos carauelas, que me inuiaba, y en las demas que se hallasen en aquella Isla y el que me traxo este auisso me dixo como de frente de Angra, parecian nauios, y que cerca del Topo, que es a la salida del canal, auia hallado seis; de los quales auia escapado casi de milagro; y por esto y

que sendo como é terra que por sua aspereza me permitiria escapar, claro é não poder levar comigo a artilharia, para além de me faltarem todos os aparelhos necessários para poder marchar com ela.

– Neste mesmo dia, reuini a Câmara da ilha do Faial, e em nome de Vossa Magestade me pediram e requereram não os desamparasse, que eles estavam determinados a morrer comigo na defesa da terra, e que para a fortificação me dariam faxina e tudo o que na ilha houvesse. Entretanto, fui avisado de que o inimigo havia aparecido pelo norte, tirando-me de todo a esperança de poder passar ao Pico.

– Amanheceu o dia 19 do dito mês com a armada inimiga no mesmo sítio, e enviou dois galeões a reconhecer o porto, os quais descobriram um navio a sudoeste, e foram em seu seguimento e toda a demais armada na volta das Flores.

– Despachei logo aviso para a Terceira da passagem do inimigo, e de como deixara navios de guarda aos canais. A 22 do dito mês, tornei a ter ordem do mestre-de-campo para que estivesse preparado para embarcar em duas caravelas que me enviava, e nas demais que estivessem no Faial. Porém, quem me trouxe este aviso disse-me que se avistavam navios em frente a Angra; e que por alturas do Topo, que fica à saída do canal, havia encontrado seis, dos quais escapara



porque este dia, estaua surto vn nauio de frente de la Villa y parecian otros, siempre fui fortificando y metiendo municiones en la fortificacion, y suui a ella toda el artilleria, de manera que a mi parecer, estaua de suerte, que podía esperar todo lo que sobre mi pudiesse venir, si solo me dauan lugar a suuir alguna faxina y agua que por falta de pipas aun no estaua arriua, y de todo auise al Maestro de campo. – A los 26 del dicho a media noche, llego vna carauela con orden que dexadas todas las cosas, me embarcasse en ella, y en las demas que vuisse, y yo desseando cumplir lo que se me mandaua, aunque via cierta mi perdicion, en amaneciendo, me pusse a embarcar el trigo, y baxe de la fortificacion quinze pieças que tenia encavalgadas, tres de bronce y doze de hierro, y muchas municiones y pertrechos, siendo causa esta embarcacion que este dia no suuiesse arriua cantidad de faxina, que de los lugares de la Isla me vinieron, ni cantidad de pipas de agua, que tenia llenas, antes se baxaron algunas que tenia prestadas de las carauelas.

– Quedando todo preuenido aquella noche, para partir otro dia 28 del dicho mes, amanecio muy obscuro y llouioso, y parecio dentro del puerto, vn nauio, y luego tube auisso parecian muchos, lo que visto por mi acudi a rremediar parte de tanta

quase por milagre. Nestas circunstancias, e porque neste dia estava surto un navio em frente da vila e apareciam outros, sempre fui fortificando e metendo munições na fortificação, e subi a ela toda a artilharia, de sorte que, em meu parecer, estava em condições de poder responder a tudo o que sobre mim pudesse vir, já que, naquela emergência, só me era permitido subir alguma faxina e água que, por falta de pipas, ainda não estava em cima. E de tudo avisei o mestre-de-campo.

– A 26 do dito mês, à meia-noite, chegou uma caravela com ordem para que, deixadas todas as coisas, me embarcasse nela e nas demais que houvesse. Desejando eu cumprir o que se me mandava, embora visse certa a minha perdição, logo que amanheceu me pus a embarcar o trigo, e baixei da fortificação quinze peças que ali tinha encavalgadas, três de bronze e doze de ferro, e muitas munições e apetrechos. Por causa destes trabalhos, neste dia não foi levada para a fortificação muita faxina que dos lugares da ilha me vieram trazer, nem muitas pipas de água que tinha cheias; antes se baixaram algumas que tinha preparadas, para as embarcar nas caravelas.

– Ficando tudo preparado naquela noite para partir no outro dia 28 do dito mês, amanheceu muito escuro e chuvoso, e apareceu dentro do porto

desorden, juntando los oficiales de la camara les pedi me acudiessen con carros, y me dixeron lo harian, mas no se pudieron hallar mas de tres carros, por ser el dia domingo, y tan llouioso, que no se podia andar; con estos tres trauaje lo posible, y subi a la fortificacion las tres pieças de bronçe y dos de hierro, y andando en esto, ancoro el enemigo con pasadas de 50 velas, y assi me fue forçosso, dexar todo, y acudir a las armas.

– Junte toda la gente de la Isla y exorteles a defender su patria y templos, y me prometieron hazer el deuer, mas aquella noche se me hecharon a nado tres, y se fueron al enemigo, y le dieron auiso del estado de la tierra y fortificacion.

– A otro dia 29 del dicho mes, dia de San Miguel, les empeçe a batir la armada porque la noche se gasto, en encaualgar y plantar el artilleria, hizoseles algun daño, y entre otros que se les mataron se supo despues, ser vno su maestro de campo general, dentro en su almiranta.

– Luego se hizo a la vela, la mitad de su armada, y guiada de los traydores, que a ellos se auian pasado, fueron a hechar gente poco menos de vna legua de la villa, haciendo la demas armada muestra de desembarcar, en la playa.

– Inuie tres compañías, en seguimien-to de la demas armada, a cargo de

um navio, e logo tive aviso de que apareciam muitos, o que visto por mim acudi a remediar parte de tanta desordem que se desencadeou. Reunindo os oficiais da Câmara, pedi-lhes que me acudissem com carros. Disse-ram-me que o fariam, mas não se puderam achar mais de três carros, por o dia ser domingo, e tão chuvoso, que não se podia andar. Com estes três trabalhei o possível, e subi à fortificação as três peças de bronze e duas de ferro. Andando nisto, ancorou o inimigo com mais de 50 velas, e assim me foi forçoso deixar tudo, e acudir às armas.

– Juntei toda a gente da ilha e exortei-os a defenderem a sua pátria e os seus templos. Prometeram cumprir o seu dever, mas naquela noite três naturais escaparam-se a nado, e passaram-se para o inimigo, dando-lhe informação do estado da terra e da fortificação.

– No dia seguinte, 29 do dito mês, dia de São Miguel, comecei a fazer fogo sobre a armada, porque a noite se gastou a montar a artilharia. Fiz algum dano aos inimigos, e entre outros dos que se lhes mataram, se soube depois ser um o seu mestre-de-campo general, dentro da sua almiranta.

– Logo metade da sua armada se fez à vela e, guiada pelos traidores que a eles se haviam passado, foi deixar gente a pouco menos de uma légua da

Lope Gil Fagundez, caballero del habito de Christo, y juez ordinario, que con la demas camara hazia el oficio de cappitan mayor de los naturales, y auiedo hecho alguna resistencia, le desamparo toda la gente, y el enemigo desembarco. Viniendose el dicho Lope Gil a mi dandome cuenta, como le auia desamparado su gente y, que el queria cumplir con lo que deuia al seruicio de Vuestra Majestad, y assi le mandasse lo que deuia hacer. Recogiose conmigo en el fuerte, a tiempo que el enemigo venia marchando con tres esquadrones.

– Desde el monte se via bien la orden quel enemigo traia, y como algunos se auian desordenado, quemando casas, y recogiendo ganado, y pareciendome que les podia hacer algun daño, y dar a entender auia soldados en la tierra, inuie a Alonso de Villa Gomez, cappitan de campaña deste tercio, que se hallo conmigo, y con veinte arcabuceros, les quito mas de treinta bacas y las recogio en el fuerte.

– Llegaronse los esquadrones al pie del monte haziendo muestra de acometer, y por un buen espacio tuuo lugar nuestra artilleria, de batir en ellos, y luego con el arcabuceria, y mosqueteria, se le dieron muy buenas cargas, hasta hazer los meter detras de vna muralla que al pie del monte ay, de la qual salian en tropas, y a todo correr pasauan para la Villa, y al

vila, fazendo a demais armada mostra de desembarcar na praia.

– Enviei três companhias no encalço da demais armada, a cargo de Lopo Gil Fagundes, cavaleiro do hábito de Cristo e juiz ordinário, que com a restante Câmara fazia o oficio de capitão-mor dos naturais. Havendo encontrado alguma resistência, o desamparou toda a gente, e o inimigo desembarcou. Veio o dito Lopo Gil dar-me conta de como a sua gente o havia desamparado, e de que ele queria cumprir com o que devia ao serviço de Vossa Majestade, pelo que lhe mandasse o que devia fazer. Recolheu-se comigo no forte, já quando o inimigo vinha marchando com três esquadrões.

– A partir do monte se via bem a ordem que o inimigo trazia, e como alguns se haviam dispersado, queimando casas e recolhendo gado. Parecendo-me que lhes podia fazer algum dano e dar a entender que havia soldados na terra, enviei Alonso de Villa Gomez, capitão de campanha deste terço, que se achava comigo, que com vinte arcabuzeiros lhes apanhou mais de trinta vacas e as recolheu no forte.

– Chegaram-se os esquadrões ao pé do monte mostrando intenção de nos acometer. Por um bom espaço de tempo os batemos com a nossa artilharia; e com a arcabuzaria, e mosqueteria, se lhes deram muito boas cargas, até se os fazer abrigar detrás

embocar de las calles, se les hizo, otra vez daño con el artilleria.

– Passados a la Villa, luego dieron fuego, a algunas casas, y toda aquella noche, procuraron por mar y por tierra, sacarnos las carauelas que estauan en ambos puertos, mas nunca les dimos lugar.

– A otro día dieron fuego a los templos, y muchas casas, y parecio otra mas gruesa armada, y deseando yo sauer que fuesse desee tomar lengua, y viendo del dicho monte alguna gente desmandada, inuie a los dichos capitán de campaña, y Lope Gil Fagundez, con algunos arcabuceros, y tomaron tres prisioneros, vno dellos dixo ser hombre noble, y lo parecia en su aspecto, y buen hablar en la lengua flamenca, aunque el era ingles; deste me informe mas particularmente, y supe como el general de la armada que primero llego, se llamaua Guatre Rol, y que el que venia era el conde de Esseques, que era general supremo a todos, y que de los traydores que a ellos se auian pasado, sauián la forma de la fortificacion que yo tenia y los bastimentos, diciendo que el vno de los tres auia dicho, auer en el monte siete pieças de artilleria, y que tenia golpe de vinos y harinas, mas que no tenia pan ni agua, con que lo masar, y que auian afirmado, que no tenia mas de seis pipas de agua, y ciento y treinta y tres soldados, en lo qual hablaron pumptual verdad.

de uma muralha que há ao pé do monte, da qual saíam em tropel, e a todo correr passavam para a vila. E, ao embocar das ruas, se lhes fez outra vez dano com a artilharia.

– Passados à vila, logo deitaram fogo a algumas casas, e toda aquela noite procuraram por mar e por terra sacarnos as caravelas que estavam em ambos os portos, mas nunca lho permitimos.

– No outro dia, deitaram fogo aos templos e a muitas casas, e apareceu outra mais grossa armada. Desejando eu saber o que fosse, desejei tomar fala, e vendo do dito monte alguma gente desmandada, enviei os ditos capitão de campanha e Lopo Gil Fagundes, com alguns arcabuzeiros, que tomaram três prisioneiros. Um deles disse ser homem nobre, e parecia-o pelo seu aspecto e bem falar na língua flamenga, embora fosse inglês. Deste me informei mais pormenorizadamente, e soube que o general da armada que primeiro chegara se chamava Guatre Rol [Gualter (?)], e que o que vinha era o conde de Essex, general supremo de todos; que pelos traidores que a eles se haviam passado, haviam ficado a saber a forma da fortificação e os mantimentos que eu tinha, tendo-lhes um dos três dito que havia no monte sete peças de artilharia, quantidade suficiente de vinhos e farinhas, mas que não tinha pão nem água com que o amassar; que os ditos

– A este tiempo que serian las tres de la tarde, ancoró toda la demas armada, que por todas contamos 136 velas, desembarcando luego cantidad de gente vanderas y artilleria, y luego començe a conocer en los soldados vna grã frialdad, que hasta entonces no auia visto, en ninguno, y considerado esto, y la buena informacion, que el enemigo tenia de nuestras faltas, y que no auia remedio, para contra tan gran poder, determine retirarme y assi lo hize en anocheciendo, no lleuando otra cossa, que poluora, plomo, y cuerda para lo que se pudiesse ofrecer: fuy con mi gente en orden, hasta la entrada del mato, que es muy espeso, y al passo de vna riuera, dos leguas y media de la Villa, espere por espacio de tres dias, en sitio que sin duda me defendiera dellos si me acometieran, mas ellos llegaron a media legua de nosotros, y sauiedo en la forma que estauamos, se retiraron sin nos acometer, aunque fueron guiados de vno, que despues de tomado tierra, se passo a ellos, al qual yo dexé preso en la dicha Isla y los demas aunque se quedaron en ella, quando el enemigo se fue no los pude prender.

– Estuue en el sitio dicho hasta dia de San Francisco quatro de Otubre, que auendo descansado la gente, inuie al dicho capitan de campaña con algunos arcabuceros, y tomo otros tres prisio-

traidores haviam afirmado que eu não tinha mais de seis pipas de água, e cento e trinta e três soldados, no que disseram a verdade precisa.

– Seriam três horas da tarde, ancorou toda a demais armada, que por todas contamos 136 velas, desembarcando logo grande quantidade de gente, bandeiras e artilharia. Logo comecei a aperceber-me de grande inquietação entre os nossos soldados, o que até então não vira em nenhum deles. Perante esta situação, e sabendo que o inimigo tinha conhecimento das nossas fragilidades e que eu não tinha meios para enfrentar tão grande poder, determinei retirar-me. Assim o fiz logo que anoiteceu, levando apenas pólvora, chumbo, e morrão para o que se pudessem oferecer. Fui com a minha gente em ordem, até à entrada do mato, que é muito espeso. Junto à passagem de uma ribeira, a duas léguas e meia da vila, esperei durante três dias, num sítio que sem dúvida me defenderia dos inimigos se eles me acometessem. Mas eles chegaram a meia légua de nós e, sabendo como estávamos preparados para nos defendermos, retiraram-se sem nos atacar, embora tivessem por guia um natural que, depois de tomada a terra, se passara para eles, o qual deixei preso na dita ilha. Os outros traidores não os pude prender, embora nela tenham ficado quando o inimigo se retirou.

neros, de los quales supimos, andauan para se embarcar, y assimande al dicho capitan de campaña, les fuesse a dar en las espaldas, al embarcar, lo qual dexo de hazer a pedimiento de algunos naturales, que lo rogaron, por que no acauassem de quemar lo poco que de la Villa quedava.

– Al otro dia se hizo el enemigo a la vela, y fue la buelta de la Graciosa y a los 22 de Outubro nos dio vn temblor de tierra, con que acauo de arruinar la Isla, no quedando en toda casa ni iglesia en que se pueda estar.

– A los 25 deste imbio el Maestro de campo dos carauelas en las quales me embarque con mi compañía y estamos en esta ciudad. No perdimos hombre auiendoles muerto pasados de 200 y entre ellos gente principal, y a me parecido auisar a Vuestra Magestad porque aunque aya tenido relaciones, ninguna sera tan pumptual. Guarde Nuestro Señor a Vuestra Magestad de Angra, a 4 de Nouiembre de 1597 años.

*ass.*) Francisco de la Rua

– Estive no dito sítio até ao dia de São Francisco, 4 de Outubro. Depois da minha gente ter descansado, enviei o dito capitão de campanha com alguns arcabuzeiros em patrulha, que tomou outros três prisioneiros, pelos quais soubemos que andavam para se embarcar. Assim, mandei ao dito capitão de campanha que os levasse e açoi-tasse até os deixar embarcar, ordem esta que ele deixou de cumprir a pedido de alguns naturais, para que os corsários não acabassem de queimar o pouco que da vila restava.

– No dia seguinte, se fez o inimigo à vela, na volta da Graciosa. A 22 de Outubro, deu-se um tremor de terra que acabou de arruinar a ilha, não ficando em toda ela casa nem igreja em que se possa estar.

– A 25 deste mês, enviou o mestre-de-campo duas caravelas nas quais me embarquei com a minha companhia, e estamos nesta cidade. Não perdemos nenhum homem, havendo feito ao inimigo mais de duzentos mortos, entre eles gente principal. Entendi informar pessoalmente Vossa Majestade porque, embora tenha recebido outros relatórios, nenhum será tão preciso.

Guarde Nosso Senhor Vossa Majestade. Angra, 4 de Novembro de 1597.

*ass.*) Francisco de la Rua